

## **Bibliotecários contadores de história e a mediação da leitura**

*Lidia Eugenia Cavalcante<sup>1</sup>*  
*Laiana Ferreira de Sousa*  
Universidade Federal do Ceará. Brasil

### **Resumo**

Apresenta as contribuições do bibliotecário contador de história para a mediação da leitura, a partir das ações desenvolvidas pelo Grupo Convite de Contadores de História, que é um projeto de extensão do Departamento de Ciências da Informação, da Universidade Federal do Ceará (Brasil). O referido grupo foi criado em 2005 e é formado por estudantes do curso de Biblioteconomia. Esta ação visa desenvolver competências transversais nos futuros bibliotecários para o seu fazer profissional no âmbito da cultura e da educação, interligando ensino, pesquisa e extensão às práticas sociais cotidianas de comunidades do Estado do Ceará. Objetiva, ainda, despertar os participantes para a importância da leitura e da literatura, mediante narrativas que visem à formação de leitores. Com o intuito de refletir sobre os conceitos reportados neste trabalho, buscou-se a contribuição de autores como Benjamin (1983), Busatto (2003), Abramovich (2003), dentre outros que se destacam pelas reflexões teóricas sobre essa temática. Em conclusão, assinala-se a importância do papel do bibliotecário como mediador da leitura pelo uso das narrativas para o incentivo à formação de leitores e a compreensão de que leitura literária não é um hábito, mas um prazer.

### **Introdução**

O século XXI, período marcado pela emergência de diferentes meios de comunicação, com tecnologias cada vez mais modernas, parece evidenciar o distanciamento da sociedade dos costumes e das tradições orais. O tempo para se ouvir uma história não é mais o mesmo. Hoje, as informações chegam prontas, aos olhos e ouvidos, de múltiplas formas, e oferecem diversas possibilidades pelas quais se adquirem conhecimento e entretenimento.

Em meio às mudanças presentes na sociedade atual, de modo aparentemente contraditório, ocorre um retorno significativo às narrativas pela voz do “novo contador de história”. Ou seja, o costume e a arte de contar histórias sobrevivem com uma proposta pedagógica e de apropriação da leitura e da literatura como processo de

---

<sup>1</sup> *Lidia Eugenia Cavalcante y Laiana Ferreira de Sousa*  
Lidia\_eugenia@yahoo.com.br - laiana\_ffsousa@hotmail.com  
Universidade Federal do Ceará

mediação em espaços culturais, a exemplo das bibliotecas, levantando algumas indagações: quem é o contador de histórias contemporâneo e qual a sua contribuição para o fortalecimento da memória e das tradições na atualidade? Como essa arte se manifesta, diante das novas tecnologias? E qual a sua contribuição na formação de leitores e na valorização das bibliotecas e do papel do bibliotecário?

A temática abordada, neste texto, se insere no universo da mediação e da formação de leitores pela oralidade e narrativa, ressaltando-se as peculiaridades do contador de história contemporâneo e suas relações com as práticas de atuação profissional do bibliotecário e de inserção sociocultural. Para adentrar no estudo proposto, apresentar-se-á, inicialmente, algumas concepções teóricas que dá suporte conceitual às ações desenvolvidas no projeto, de modo a associar ensino, pesquisa e extensão.

Em seguida, como contribuições metodológicas, serão apresentadas as experiências vivenciadas pelo Grupo Convite de Contadores de História, que é um projeto de extensão do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará (UFC), constituído por estudantes do curso de Biblioteconomia.

Os “novos contadores de história” enfrentam o desafio de dividir espaço com as tecnologias de informação e de comunicação, cuja interatividade e atração constituem elementos poderosos de entretenimento e conquista dos leitores. Nesse dilema, encontra-se o bibliotecário que, ao mesmo tempo em que se apropria das inovações, tentam preservar a identidade dos traços da narrativa e da oralidade tradicionais, preocupando-se com a formação do leitor e com o despertar para o prazer de ler.

### **Memória, narrativa e oralidade**

Antes da escrita, o saber humano era transmitido pela oralidade. Por essa razão, a memória sempre apresentou grande importância para as sociedades antigas, uma vez que, a partir dela, o conhecimento podia ser transmitido entre gerações. Dessa forma, os mais velhos se encarregavam de transmitir, por meio das palavras, os acontecimentos cotidianos e o conhecimento produzido por seus ancestrais.

A prática de contar histórias reporta-se às origens das sociedades humanas, como uma das primeiras manifestações culturais, usadas para preservar os valores e a memória de uma comunidade, bem como sua integração e coesão social. A palavra pronunciada por aqueles reconhecidamente sábios era considerada legitimadora e fonte indiscutível de conhecimento.

A invenção da Imprensa, no século XV, propiciou novas e importantes formas de comunicação, especialmente nas sociedades burguesas. E, com o advento do

capitalismo, a oralidade materializou-se, trazendo consigo a necessidade da leitura em um suporte físico, que possibilitasse tanto a transmissão do conhecimento, quanto a organização da informação produzida. As histórias eram, portanto, narradas a partir de um texto escrito. Busatto (2003) ressalta o tempo em que a oralidade mantinha o dever de transmitir pela fala a cultura e a identidade do povo.

[...] o conto de literatura oral se perpetuou na História da humanidade através da voz dos contadores de histórias, até o dia em que antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo para coletar e registrar estes contos, fosse através da escrita ou outras tecnologias (Busatto, 2003, p. 20).

Nas antigas sociedades agrárias, contar histórias era um hábito natural, que ocorria com o objetivo de entreter e animar a população, bem como informar e ensinar normas de conduta ao povo, alertar sobre perigos existentes ou simplesmente manter viva a herança cultural pela memória. Para Benjamin (1983), os camponeses sedentários e os navegantes e/ou comerciantes foram os principais responsáveis pela preservação dessas histórias e dessa arte. Os camponeses, por serem conhecedores de suas terras, e os navegantes por trazerem histórias de lugares longínquos.

A experiência que anda de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores [...] quando alguém faz uma viagem, então tem alguma coisa para contar, diz a voz do povo, e imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas não é com menos prazer que se ouve aquele que, vivendo honestamente do seu trabalho, ficou em casa e conhece as histórias e tradições de sua terra (Benjamin, 1983, p. 58).

Os contadores eram figuras de destaque na comunidade, conhecedores das histórias do povo, da cultura e dos costumes, eram os próprios produtores e personagens da história. O ato de contar histórias remete a esse tempo em que o indivíduo confiava na memória e nas suas experiências.

Ouvir uma história, contá-la e recontá-la, por muito tempo, foi a maneira de preservar os valores e garantir a construção da memória. “Toda consciência do passado está fundada na memória. Por meio das lembranças, recuperamos a consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos o ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado.” (Lowenthal, 1981, p. 75).

Apesar do costume de narrar histórias ser uma tradição muito antiga, a expressão “Contação de Histórias” só foi empregada a partir das últimas décadas do século XX. Bussatto (2005) destaca, portanto, que se trata de um neologismo e de uma expressão relativamente nova.

Em 1935, ano em que W. Benjamim escreveu “O narrador”, ele já profetizava que o contador de histórias estava com os dias contados, porque o “lado épico da

verdade, a sabedoria” (p.59) estaria agonizando. Décadas depois, em 1985, Benjamin apontara para a invenção da imprensa como sendo o fator responsável pelo “declínio da narração”. Em seus estudos, o autor considerava que a contação de histórias estaria em vias de extinção, pois as informações veiculadas pelos meios de comunicação, atrelados ao avanço das tecnologias, se encarregariam de extinguir a força da narrativa.

Harrits e Sharnberg, ao lerem Benjamin, dizem que ele

[...] faz uma distinção entre informação e contar histórias, e vê nesta relação uma luta pela supremacia. Hoje em dia, quase nada que acontece beneficia o contador de histórias; quase tudo beneficia a informação. Na verdade, metade da arte de contar histórias consiste em manter uma história livre de explicações quando a reproduzimos.”<sup>2</sup>

Na segunda metade do século XX, após quase ter desaparecido, em consequência do surgimento das novas mídias, os contadores de histórias ressurgem como fenômeno urbano, dando origem, ao que hoje se conhece como novos contadores, ou contadores urbanos. Foi um retorno que surpreende, até hoje, tendo em vista a industrialização e urbanização das cidades, e a enorme gama de estímulos científicos e tecnológicos que existem nas sociedades modernas. (Sisto, 2001).

Apesar do surgimento de novos suportes para a transmissão e comunicação do conhecimento, a contação de histórias reapareceu, nas últimas décadas, seja por força de um modismo, seja por uma necessidade inerente ao ser humano de se comunicar por meio da fala estética (Busatto, 2005). Ou seja, os séculos XX e XXI são marcados por mudanças e transformações que impõem novas formas de acesso ao conhecimento para além da palavra dita, mas que também revela o desejo humano de comunicação ainda pela oralidade, valorizando as narrativas.

Assim, a contemporaneidade apresenta-se paradoxalmente como uma época em que o cotidiano se divide entre a interação social e o paradigma tecnológico composto por imagens eletrônicas e virtualidades, com uma realidade reconfigurada na interatividade do espaço virtual.

Os contadores que se utilizam de histórias tradicionais, o fazem por basear-se no seu vínculo com as experiências. No momento em que ocorre a valorização da

---

<sup>2</sup> É interessante notar que já no final da década de sessenta, quando foi publicada a obra de Walter Benjamin citada pelos referidos autores “*The Storyteller*”, ele já preconizava o valor excessivo dado à informação, carregada de explicações, fatos, dados, datas, etc. “O contador de histórias de Walter Benjamin pode ser descrito como o narrador clássico, que vive onde é executado um ofício, em coordenação entre ‘alma, olho e mão’, que remonta a um tempo tão antigo na história quanto a era do mito. Mas até onde irá, no futuro? No que concerne a Benjamin, a figura do contador de histórias está se esvaecendo no ritmo da gradual extinção dos ofícios e do trabalho ‘por conta própria’. Ele não questiona se o trabalho assalariado pode dar ao contador de histórias uma nova imagem em que a antiga possa ser inserida. (Harrits & Sharnberg, p. 28).

cultura, costumes e valores, como também no compartilhamento da própria história, pode-se ter a base sobre a qual se estruturam os processos identitários (Faria & Garcia, 2002, p. 126).

As narrativas, assim como os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Como fontes para construção do conhecimento histórico, seu potencial é inesgotável, pois também, de acordo com Benjamin, “incorporam as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (1994, p. 98).

A contação de histórias está presente na cultura popular, mas o narrador tradicional, aquele que se servia exclusivamente da voz, já não se apresenta mais da mesma forma. “Atualmente, esses sujeitos-narradores-contadores, herdeiros da tradição da oralidade, já se encontram inseridos num contexto mediado pelos novos meios de comunicação e transmissão de saber.” (Busatto, 2005, p. 15).

Certamente, o retorno dos contadores de histórias em meio a uma sociedade bombardeada de informações e de comunicação faz surgir indagações a respeito do espaço que esse artista-narrador conquistou na contemporaneidade. Pensar nesse retorno é perguntar-se a respeito de como essa arte ainda pode contribuir com a tradição, enriquecimento da memória cultural da sociedade e, ainda, como contribuição à mediação da literatura, seja ela oral ou escrita.

### **Os contadores de história e a mediação da leitura no Brasil**

No Brasil, por volta dos anos 80, profissionais da área de Educação e de Biblioteconomia desenvolveram um projeto intitulado “Hora do conto” (Patrini, 2005), tendo por objetivo aproximar o aluno do livro e desenvolver o gosto pela escrita e leitura. A partir daí, se formava uma nova visão em torno da prática pedagógica e o surgimento de uma nova classe de contadores de histórias preocupados com a mediação da leitura e a formação de leitores pela oralidade e a narrativa de textos literários.

Mas, é principalmente a partir da década de 1990, que o “boom” dos contadores de histórias se manifesta pelo Brasil. Alguns autores, como Sisto (2001, p.60), acreditam que isso se deu especialmente pela difusão das bibliotecas e pela concepção de que esses profissionais poderiam atuar de forma mais presente nas bibliotecas, escolas, espaços culturais e comunidades.

Sob essas circunstâncias, surgiram novas experiências no campo das práticas orais, em especial, relacionadas à arte de contar histórias. Uma das iniciativas mais promissoras para esse objetivo foi a criação do Programa Nacional de Incentivo à

Leitura (PROLER), instituído pelo Decreto Presidencial nº 519, em 13 de maio de 1992, vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, órgão do Ministério da Cultura. Esse programa, que atuava por todo o território nacional, considerava essa prática fundamental para incentivar o gosto pela leitura e o interesse pelos livros e pela literatura, contribuindo para a sua mediação e difusão.

O objetivo principal do PROLER seria, portanto, “promover o interesse nacional pela leitura e pela escrita, considerando a sua importância para o fortalecimento da cidadania” (PROLER, 2013). Um de seus três eixos de ação é justamente a formação continuada de mediadores de leitura, realizando por todo o Brasil oficinas de contação de história e fortalecendo o papel das bibliotecas e dos bibliotecários na formação de leitores.

Integrado a essas ações do PROLER, o Departamento de Ciências da Informação da UFC funciona como um de seus núcleos nas regiões brasileiras, devidamente registrado como projeto de extensão da Universidade, e contando com a participação de docentes, estudantes e da comunidade em geral para o fortalecimento de ações de leitura no Ceará. Sob tais circunstâncias favoráveis, a inserção dos profissionais bibliotecários no Estado, no âmbito da formação de leitores e da realização de práticas culturais de incentivo à leitura, a exemplo das ações de contação de história e da dinamização de acervos, se tornou uma marca das competências desses profissionais, formados no curso de Biblioteconomia da UFC.

Além disso, a capital do Ceará, Fortaleza, tem se destacado na área da cultura e do incentivo à leitura pela realização de importantes eventos como a Feira e a Bienal do Livro, famosos por reunirem centenas de contadores de histórias e pela realização de oficinas de formação em locais como centros culturais, livrarias, bibliotecas, escolas, comunidades etc.

Diferentemente do contador de histórias tradicional o narrador contemporâneo forma-se mediante participação em cursos e oficinas, aprende o domínio de técnicas corporais, constrói seu repertório mediante seleção de livros e de textos literários variados, cria performances artísticas elaboradas para a televisão, usa vídeos para o registro do próprio trabalho, os disponibiliza na Internet que, por sua vez, tornam-se fonte para outros contadores de história. Dessa forma, convive-se com os elementos da cibercultura e apropria-se de suas possibilidades, na tentativa de aliar a prática contemporânea a uma arte milenar.

O contador de histórias do século XXI, portanto, já não se apresenta ao redor das fogueiras em comunidades rurais como os seus antepassados. Uma característica pontual do seu perfil na atualidade é o fato de ser um narrador urbano, ou seja, vive e trabalha na cidade, ali também se manifestando publicamente.

### **O grupo convite de contadores de história**

O Grupo Convite de Contadores de Histórias foi criado no ano de 2005 como projeto de extensão do Departamento de Ciências da Informação da UFC. Oriundo das propostas pedagógicas desenvolvidas no Ceará pelo PROLER, o Grupo foi originalmente constituído por estudantes do curso de Biblioteconomia, interessados em desenvolver ações de formação de leitores a partir da narrativa de histórias e de contos, coordenado por uma docente.

A formação do contador de história, o estímulo à leitura literária, a aproximação dos indivíduos do livro e da biblioteca e a formação profissional do futuro bibliotecário, no âmbito da educação e da cultura, são os objetivos do Grupo desde a sua criação. Com quase 10 anos de atuação, o projeto já teve diferentes formações, com características as mais variadas, dependendo dos interesses e dos perfis de seus membros. A formação se dá mediante seleção anual de estudantes, que se interessam pela área educacional e cultural, gostam de ouvir e contar história e se identificam com a arte da narrativa. Após a seleção, ofertam-se oficinas de contação de história para a capacitação dos participantes.

As capacitações ocorrem por meio de reuniões semanais na UFC, das quais participam alunos bolsistas/extensionistas, voluntários e remunerados e a coordenação do projeto, que atua como mediadora das oficinas. Os encontros têm como objetivo não só capacitar os contadores de histórias, bem como planejar as atividades que serão realizadas. Dentre essas atividades estão apresentações em diversos lugares como: universidades, escolas, comunidades, teatros, bibliotecas, associações etc. Além das contações de histórias, o Grupo promove oficinas, que visam incentivar a leitura e formar novos contadores a partir das suas experiências, socialização da literatura e técnicas.

Vários são os métodos utilizados na capacitação do Grupo para que seus componentes adquiram as competências necessárias para se tornarem contadores de histórias ou mesmo atuarem na dinamização de acervos em bibliotecas ou salas de aula e de leitura.

Dentre as práticas e técnicas que integram a metodologia empregada na formação do Convite, destacam-se: a pesquisa, uma vez que o contador necessita investigar os variados tipos de histórias que compõem a literatura, buscando a que melhor se adapta ao seu repertório; a memorização, prática muito importante, pois é um dos principais instrumentos para levar ao público o enredo da história; a expressão corporal, facial e gestual, pois o contador de histórias precisa passar para o público o

que os personagens sentem na história; o trabalho com a dicção para que a voz fique clara e as palavras sejam bem compreendidas; a entonação vocal, necessária, principalmente, para o público infantil etc.

É importante destacar que o contador de histórias é um profissional que trabalha com inspiração e sensibilização e, para obter êxito, torna-se fundamental o prazer pelo que faz, associado constantemente às técnicas e, especialmente, ao interesse em trabalhar diretamente com o público.

Fator de destaque no Grupo é o trabalho de pesquisa científica sobre narrativas, memória e oralidade. A pesquisa visa proporcionar aos participantes um conhecimento mais aprofundado da contação de histórias, desde a sua origem à atualidade. Além desta, são feitas pesquisas de narrativas, contos populares, folclore, contos de fadas, fábulas e levantamento de histórias de vida, visando à composição de acervos e facilitando o despertar individual do gosto pelas histórias a serem contadas.

Os métodos utilizados para a memorização das histórias, além do gosto individual de cada participante do Convite por determinado texto, são dinâmicas que trabalham a concentração e algumas técnicas como a leitura individual e coletiva; a leitura de parlendas, que são formas literárias de origem oral, rimadas com caráter infantil e por isso de fácil memorização; associação do texto escrito com imagens e criação de um vínculo afetivo com a história. É necessário, entretanto, que haja uma grande identificação entre o contador e o conto, onde este possa entregar-se colocando um pouco de si nos personagens os quais interpreta, conduzindo assim a narrativa da melhor forma. Por essa razão, os textos são escolhidos pelo próprio grupo ou individualmente, para que se entreguem a narrativa a partir do gosto pela literatura.

O projeto é, portanto, um trabalho de formação de competências profissionais do bibliotecário no âmbito da cultura, mas, sobretudo, uma ação de inclusão social e de formação humana para desenvolver no bibliotecário um processo contínuo de compartilhamento de saberes e de mediação da leitura.

Assim como a contação de história, a mediação é movimento cuja nascente é no diálogo, nas linhas e entrelinhas das experiências, expectativas, ambiências e do próprio texto narrado.

## **Resultados**

O Grupo Convite de Contadores de Histórias tem se destacado naquilo que se propõem, não somente contando histórias, mas também formando contadores, por meio da realização de oficinas, nas quais são transmitidas ao público, técnicas de



seleção das histórias a serem contadas, memorização do texto, atividades interativas, postura e respiração. Estas e outras técnicas são transmitidas mediante dinâmicas individuais e em grupo.

O repertório do Grupo é definido de acordo com a faixa etária do público, as solicitações recebidas ou temáticas, citando como exemplo o Sarau Junino, realizado por ocasião das festividades do mês de junho. É importante salientar que o Grupo Convite contribui também para a maturidade profissional dos estudantes do curso de Biblioteconomia que fazem parte do projeto, e estas experiências levam para o mercado de trabalho um novo perfil profissional, atento às transformações sociais e culturais. Isso é verificado pela inserção dos ex-integrantes do Grupo em instituições culturais e em escolas, nas quais se destacam em suas atividades cotidianas.

As ações acontecem em espaços culturais, escolas, bibliotecas e na própria UFC. No ano de 2013, destacaram-se as seguintes atividades: o Sarau Junino, que trouxe ao público exclusivamente “causos” e contos nordestinos, apresentação realizada no Centro de Humanidades da UFC. Apresentação na inauguração da Biblioteca Comunitária Esmeralda Galdino, no município de Fortim – Ceará. Realização de oficina de contação de histórias para os alunos ingressantes no curso de Biblioteconomia e oficina no Festival de Cultura também da UFC.

A partir das atividades realizadas, foi possível perceber o quanto a contação de histórias emociona e gera diversão, ao mesmo tempo em que aguça a curiosidade e influencia o gosto pela leitura e literatura, contribuindo para a formação de novos leitores, o desenvolvimento de competências do futuro bibliotecário e o fortalecimento da cultura oral e escrita. A partir das oficinas ministradas pelo Grupo para a formação de contadores de histórias, o projeto contribui, também, para a preservação dessa arte milenar e evidencia a sua importância como veículo transmissor da nossa memória e cultura também na atualidade.

No primeiro semestre de 2014, o Grupo Convite se apresentou em diversos locais, em decorrência das festividades do mês de abril, considerado o mês da leitura e do livro. Dentre os locais onde ocorreram apresentações e oficinas destacam-se o SESC (Serviço Social do Comércio), onde o Grupo não só contou histórias como ministrou oficinas de arte e de apreciação de leitura com o repertório de histórias de Hans Christian Andersen e Monteiro Lobato. Apresentação em escolas com a temática da poesia e na Faculdade CDL, com repertório diversificado de histórias infantis. E, em comemoração ao mês das mães (maio), o grupo se apresentou no TRT (Tribunal Regional do Trabalho), fazendo homenagem às mães que trabalham naquela instituição. Foi, ainda, realizada oficina de formação de contadores de histórias em

Itarema - Ceará, para crianças e professores da Rede Pública de Ensino daquele município.

Desde a sua criação, mais de trinta estudantes do curso de Biblioteconomia da UFC já participaram do Grupo e hoje atuam no mercado de trabalho de modo dinâmico e inovador, como é continuamente atestado pelas instituições empregadoras, a exemplo do Centro Cultural Banco do Nordeste, que sempre busca profissionais e estagiários oriundos do Convite.

O Grupo busca, especialmente, criar condições de interação e de mediação para que a formação do leitor seja efetivamente uma importante ação na prática do bibliotecário em diferentes espaços. Considerando essa premissa, o leque de oportunidades para esse profissional tende a ser ampliado à medida que se verifica o poder da arte e da palavra escrita e falada, que reclamam maior inserção na sociedade, especialmente no universo da cultura e da educação.

## **Conclusões**

A contação de história é uma prática por excelência na mediação da leitura e para a dinamização de acervos. Além disso, a mediação se dá, também, para aproximar as pessoas do livro e do ato de ler pela interlocução dos sujeitos com o texto. São itinerários que fazem parte do trabalho e das competências do bibliotecário, entretanto, poucos se aventuram para o desenvolvimento dessas práticas.

Outra lacuna que se observa está na quase inexistência de conteúdos nos currículos de Biblioteconomia no Brasil que discutam as concepções, teorias e práticas de leitura, ocasionando uma lacuna na formação do profissional, o que limita a sua atuação no campo da cultura e da educação.

A contação de histórias é um processo de interação social que envolve vários sujeitos, cujos elos são construídos colaborativamente no itinerário e nas relações interpessoais das linguagens verbais e não verbais, que se manifestam no momento da comunicação. Nesse percurso, também ocorre a produção e a aquisição do conhecimento nas quais cada sujeito se apropria do que lhe convém e é do seu interesse.

Por todos os cantos e lugares encontram-se histórias, não só em livros, enciclopédias, na internet, mas também mediante milhares de vozes, como expressão da cultura popular, o que confere papel essencial à oralidade, na medida em que representa a reconstrução de fatos na memória de um grupo (Otte, 2011). Ainda que o costume de sentar-se ao redor da fogueira tenha se perdido com o tempo, todo povo ainda possui histórias para contar sobre suas tradições, raízes e legado. As histórias

são veículos que propiciam o descobrimento de outros lugares, tempos, visões e jeitos, numa abordagem múltipla do devir cultural humano (Abramovich, 1993).

Cabe ressaltar, ainda, a importância da pesquisa no campo das práticas leitoras na formação do bibliotecário, no que tange à ação educativa e cultural do seu papel e atuação profissional pela contação de história. Esses fatores representam um caminho singular para a sociabilidade desse profissional e para a ampliação dos caminhos que serão percorridos por ele.

## Referências

- \_\_\_\_\_. (1983). O narrador. In: \_\_\_\_\_. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Narrando histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. 132 f.
- ABRAMOVICH, Fanny (2014). *Por uma arte de contar histórias*. Disponível em: <<http://www.docedeletra.com.br/semparar/hspfanny.html>>. Acessado em: 15 abr. 2014.
- BENJAMIN, Walter (1985). A obra de arte da era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- BUSATTO, Cléo (2003). *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis: Vozes.
- Dissertação (Mestrado em literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.
- FARIA, Hamilton, GARCIA, Pedro (2002). Arte e Identidade Cultural na Construção de um Mundo Solidário. In: \_\_\_\_\_. *O reencantamento do mundo: arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário*. São Paulo: Polis.
- HARRIS, Kirsten, SHARNBERG, Ditte (2000). Encontro com o “contador de história”: um processo de aprendizado mútuo. *História oral*. Revista da Associação de História Oral. São Paulo: v.3, n. 3, jun. 2000. p. 30-39.
- LOWENTHAL, David (1981). Como Conhecemos o Passado. *Projeto História (17)*. São Paulo: EDUC.
- OTTE, Monica Weingartner; KOVÁCS, Anamaria (2014). *A magia de contar histórias*. Disponível em: <<http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-02.pdf>>. Acessado em 10 maio 2014.
- PATRINI, M. de L (2005). *A renovação do conto: emergência de uma prática oral*. São Paulo: Cortez.
- PROLER (2014). Disponível em: <<http://www.bn.br/proler/>>. Acesso em: mai. 2014.
- SESC (2014). Disponível em: <<http://www.sesc-ce.com.br/>>. Acesso em: mai. 2014.
- SISTO, Celso (2001). *Textos e pretextos sobre a arte de narrar histórias*. Chapecó: Argos.